

Sobre o segundo turno

Ignácio de Aragão

A rapidez das apurações e a demora das totalizações, fato normal num País deste tamanho, ainda despreparado tecnologicamente, não me permitiu saber, quando escrevi na sexta-feira, quem seria o competidor de Collor no segundo Turno, se Brizola ou Lula. De lá para cá, à medida que as cifras de definiam, o mundo político entrou em ebulição pelas coligações, pela transferência de votos, pelos conchavos salvadores, pois as eleições de 90 estão à porta e, para a maioria, serão mais importantes do que esta. Pode não parecer, mas é verdade. Cada um está amargando as suas decepções, as ilusões desfeitas, procurando recuperar-se da vergonha por que passou ou dos dinheiros consumidos no fogo da campanha. Outubro de 90 poderá ser a compensação se não errarem de novo.

Do primeiro turno, entretanto, várias ilações se podem desde logo tirar. Uma delas é que o povo sabe o que quer, em quem está votando e por que. Voto de cabresto é coisa do passado, nem curral eleitoral existe mais. Outra: transferência de voto não é acreditável. O político deve estar com o povo e não mais o povo com o político. No Ceará, por exemplo, onde o carisma do go-

vernador Jereissati prometia o céu e a terra ao senador Covas, Collor levou a melhor. O governador ficou mudo desde quinta-feira e não sei se já recuperou a fala. Os costumes políticos brasileiros mudaram e ninguém poderá ignorar esta realidade.

Se a disputa final for entre Collor e Brizola, convém saber-se que o homem do PDT só é forte num eleitorado de 16,4 milhões (RS, SC E RJ), facilmente destrutível pelo eleitorado paulista de 18,5 milhões, que não gosta e até mesmo nem conhece Brizola.

Há um muro impedindo a entrada do gaúcho nos pagos de São Paulo, tudo ele fez, porém foi inútil. Os paulistas sabem que, se por acaso, Brizola chegar à Presidência, a sua vingança contra São Paulo será terrível, como terrível será contra o resto do País, concentrando todo seu Governo nos dois estados do Sul, porque no Rio de Janeiro ficará no oba-oba da brizolândia. Brizola é vingativo.

Não adianta o senador Covas pretender transferir seus votos a Brizola, nessa hipótese. O eleitorado paulista está muito perto do Rio de Janeiro, para saber o que o gaúcho fez na administração fluminen-

se e o empresariado de São Paulo não pode correr o risco de sujeitar-se a um governo individualista, sem programa, inconsistente, aéreo e desatualizado. Para os candidatos paulistas, de modo geral, um acerto com Collor será muito mais produtivo. A hora é de deixar ideologias de lado, pois o povo não está pensando nisso. Por outro lado, Brizola dificilmente terá o apoio de Lula. O grupo radical do PT, que se esconde atrás do candidato, não cruza com o caudilho e sabe que a vitória deste será sua volta à clandestinidade, pois PDT e PT não têm como conviver no mesmo universo político. Um exclui o outro.

Pelas mesmas razões, se o competidor do segundo turno for Lula, Brizola irá, clara ou ocultamente, omitir-se, pois lhe interessa para sua sobrevivência que Collor seja o vitorioso. As mágoas e agressões de campanha esvaem-se no ar frio das noites dos comícios. Somente um governo Collor assegurará que aqueles dois partidos continuem com o seu proselitismo, em busca das ilusões que perderam agora. Por isso, a coligação deles poderá ser ao estilo dos governadores do PMDB no apoio a Dr. Ulysses: de braços cruzados.